

Os muçulmanos do Brás

Julia Salgado Brandão Bezerra*

O bairro do Brás, que caracteristicamente é identificado como reduto de italianos e nordestinos, tem hoje uma população muito diversificada.

Bolivianos, peruanos, paraguaios e muçulmanos, árabes e não árabes, vivem hoje no bairro, e estima-se que a comunidade muçulmana em São Paulo seja de um milhão de pessoas, sendo que no Brás trabalham e moram milhares deles.

Pode-se dizer que o bairro teve início por volta de 1800, quando o construtor português José Brás construiu a Capela Senhor do Bom Jesus dos Matozinhos, muito importante para o desenvolvimento do bairro. Mas foi a partir da segunda metade do século XIX, quando a cidade vai se tornando a metrópole do café, que o incentivo dado à imigração, principalmente italiana, faz com que cheguem a São Paulo quase 300 mil italianos entre o ano de 1887 e 1915.

No ano de 1886, mais de 12.000 imigrantes já estavam na cidade, mas a quantidade de asiáticos e árabes ainda era muito pequena para que fosse feito algum censo sobre eles. Em 1955 havia 7.089 mil libaneses; os sírios totalizavam 4.445 pessoas; os palestinos somavam 1.131 indivíduos; os turcos 948, e os iraquianos constavam com 51 imigrantes.

Mesmo com essa mudança na paisagem e no perfil dos imigrantes do Brás, muitas pessoas ainda vêem o bairro como moradia de italianos e nordestinos, mas ao andar por suas ruas, que são conhecidas no país inteiro pelo intenso comércio de roupas, percebemos diversas características desses imigrantes. Segundo a associação dos lojistas do bairro, a ALOBRAS, 95% das lojas de jeans são de comerciantes de origem árabe.

Os muçulmanos sempre estiveram fortemente ligados ao comércio, e no Brás eles estabeleceram uma relação onde os comerciantes mais antigos ajudam os iniciantes até esses se adaptarem à língua local e a todo o processo que envolve a mercadoria, o que explica também o número cada vez maior de árabes na região.

Sejam as mesquitas como a Mesquita do Brás, localizada na Rua Elisa Whitaker, n. 17; a Mesquita da Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil, na Rua Barão de Ladário, n. 922; ou a enorme Mesquita Brasil, na Avenida do Estado, n. 5.382, que são templos de oração existentes na região e tão importantes para os seguidores do islamismo; os restaurantes árabes, onde as vezes é difícil a comunicação em português, e alguns deles especializados em carne Halal, aquela que só pode ser abatida por um muçulmano que segue

www.pucsp.br/revistacordis

alguns rituais religiosos ao matar o animal; lojas que vendem roupas, narguiles, lenços, livros e especiarias árabes; e muitas mulheres andando com véus cobrindo o cabelo com certeza são traços marcantes que percebemos na paisagem do bairro.

Nas mesquitas, os muçulmanos, estrangeiros ou brasileiros convertidos, tem além do espaço para as orações, um ambiente onde podem se reunir e se sentir mais próximos da cultura de seus países de origem, preservando muitas de suas tradições e costumes. Mas é importante lembrar que o islã no Brasil nunca seria exatamente como o islã do Líbano, do Paquistão, do Marrocos, da Síria, do Iraque ou de nenhum dos países de origem desses imigrantes.

A identidade religiosa desse grupo aqui formado adquire características brasileiras que, com certeza, acrescentam diferenças, além do fato de ser um país predominantemente católico. Os muçulmanos têm de lidar com o desconhecimento que grande parte da população tem em relação à religião, e com o preconceito de muitos que ainda os vêem como um grupo homogêneo, onde a maioria é terrorista, radical e impõe o alcorão a todos.

Ao conversar com os muçulmanos no Brás, vemos que realmente muitos deles têm o desejo e a intenção de converter os não seguidores ao islamismo, mas não como uma imposição ou com arrogância, e mais como uma característica própria do islamismo. As mesquitas citadas anteriormente oferecem aulas de árabe, aulas de religião islâmica, artesanato e outros cursos, tanto para muçulmanos quanto para pessoas simplesmente interessadas em conhecer melhor a religião, o que mostra a vontade de integração deles com pessoas de todas as origens e talvez até a intenção de que, quem sabe, as pessoas conhecendo-os melhor, acabem com o preconceito e com a estereotipação que ainda sofrem, mesmo num país tão diversificado e multicultural como o Brasil.

Referências

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PONCIANO, Levino. *Bairros paulistanos de A a Z*. São Paulo: SENAC, 2001.

TORRES, Maria Celestina T. M.. *Brás*. 2. ed. São Paulo: PMSP, 1985.

VERNET, Juan. *As origens do Islã*. São Paulo: Globo, 2001.

* Julia Salgado Brandão Bezerra é graduada em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O presente texto constitui parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Geografia e foi orientado pela Profa. Dra. Marcia Maria Cabreira Monteiro de Souza, docente da PUC-SP. E-mail: <juliarjobrandao@hotmail.com>.